

# Os cantos fúnebres dos Bororo saem em disco

A originalidade do disco faz esquecer o descuido com as gravações que apresentam os cânticos dos Bororo em detalhes

Paulo Pestana  
Especial para o CORREIO

Em sete mil anos de cultura, os índios Bororo, de Mato Grosso, aprenderam a cultuar a morte com canções. E uma parte significativa dos cânticos indígenas está registrada no disco *Bororo Vive*, lançado este mês pela Universidade Federal de Mato Grosso. O disco é uma rara iniciativa de registro da música dos índios brasileiros, que só pode ser ouvida num elepê de Malui Miranda, em trechos de músicas de Egberto Gismonti, no último disco de Milton Nascimento e num elepê lançado na década de 70 pela gravadora Marcus Pereira, com a música de flautas do Xingu.

*Bororo Vive* é o resultado de 19 horas de gravações, feitas na aldeia Córrego Grande, que fica a 250 quilômetros de Cuiabá, com as oito famílias que compõem a nação Bororo. "Cada clã tem suas particularidades nas cerimônias funerárias", explica a antropóloga Joana Fernandes, embora o disco não abrigue apenas cantos fúnebres. O destaque que os Bororo dão à morte faz com que grande parte das gravações tenha registrado cantos que são a principal forma de conagração dos índios.

"A morte une todas as famílias Bo-

roro, fazendo com que os homens que estão fora da aldeia retornem para a cerimônia", explica a antropóloga. Para os índios Bororo a vida começou com a morte: o ser humano só deixou de ser igual aos animais quando começou a enterrar seus mortos, acreditam eles, num ritual ensinado por uma entidade que eles chamam de Baitogogo. O ritual do enterro, hoje, varia de acordo com a família do morto, ainda que tudo seja feito de acordo com a tradição dos Baadojeba, que dominam a aldeia.

Os cantos funerários dos Bororo duram a noite inteira, período em que eles velam os mortos, e por isso apenas homens e na faixa dos 40 anos podem participar da cerimônia. Além da língua ser mais difícil para o canto, é preciso que se tenha um domínio grande da voz para suportar o tempo da cantoria. As mulheres só podem cantar as canções em que toda a nação Bororo canta, acompanhados por flautas. Os instrumentos de sopro são duas pequenas flautas e dois outros que não têm similar na música ocidental: poari e pana.

A pana é um instrumento que usa três cabaças, enquanto o poari tem apenas uma cabaça e representa cada pessoa morta de cada família. Os índios Bororo também usam instrumentos de percussão: um pequeno tambor, ká, e os chocalhos, bapo (pequeno) e bapo kurireu (maior e tido como sagrado).

**Cerimônia demorada** — o enterro dos índios Bororo leva tempo e é dividido em várias fases. A primeira é

quando o morto é enterrado num local onde possa ser visto por toda a aldeia e por lá fica algum tempo, em que o túmulo é constantemente irrigado, para apressar a decomposição. Algum tempo depois, o xamã da tribo (espécie de feiticeiro) desenterra os ossos, auxiliado pelos parentes homens do morto. Os ossos são lavados e começa a segunda fase, que vai demorar três dias.

No terceiro dia, os ossos recebem uma pintura tradicional da família e são colocadas penas, quando as mulheres podem voltar a participar da cerimônia. Em seguida é realizada a despedida do espírito, quando, segundo acreditam os Bororo, o índio vai para a aldeia dos mortos — que eles imaginam ser igual a deles. Os ossos pintados ainda são conservados alguns dias na casa da família do morto, até começar o mori, uma caçada em que todos os homens da aldeia partem em busca de um animal de grande porte para vingar a morte do índio.

Todo o cerimonial é acompanhado por cânticos que vêm detalhados no disco *Bororo Vive*. As gravações não são impecáveis, mas guardam a originalidade como ponto forte, um documento que deveria ser estendido a outras nações indígenas brasileiras.

